

# A Caixa Económica de Aveiro

e a sua incorporação  
num Banco Regional

---

PROPOSTA DE TRESPASSE

EXPOSIÇÃO JUSTIFICATIVA

bibRIA



Aveiro — Tip. Minerva Central

1919

# A Caixa Económica de Aveiro

e a sua incorporação  
num Banco Regional

---

PROPOSTA DE TRESPASSE

EXPOSIÇÃO JUSTIFICATIVA

# bibRIA



Aveiro — Tip. Minerva Central

. . . . . 1919 . . . . .

## À Ex.<sup>ma</sup> Direcção da Caixa Económica de Aveiro

SENHORES :

A Caixa Económica de Aveiro foi uma instituição de alto merecimento que prestou no nosso meio os mais apreciáveis benefícios. A memoria dos seus fundadores e de quantos lhe prestaram o seu concurso, deve ser cara a todos os aveirenses. O ambiente, porém, em que a generosa ideia de Nicolau Anastacio de Betencourt tão util se tornou, modificou-se radicalmente e os grandes meritos e excellencias da instituição tem sido vizivelmente modificados e diminuidos pelas circumstancias da epoca.

O aumento da riqueza publica, a abundancia de numerario, a multiplicação dos estabelecimentos de credito, o incremento que tomou o commercio, o desenvolvimento da industria, a valorisação da terra, e muito principalmente, para a nossa região, a intensificação das industrias maritimas e as grandes remessas de ouro dos nossos emigrantes, tudo isto concorreu para fazer desaparecer a agiotagem que noutros tempos sugava a vida laboriosa do nosso campo e explorava a miseria cidadina.

A' alta de preços que se vinha desenhando muito antes da guerra e que com esta atingiu extraordinarias proporções, não correspondeu a alta da taxa de desconto nem sequer o retraimento dos capitais. Ora se lançassemos mão das estatísticas e construíssemos uma taboa de *Index Numbers* e a seguíssemos de um diagrama das oscilações da taxa do desconto, veríamos a estreita solidariedade que existe entre a alta de preços e a da taxa de desconto. A lei sofreu, porém, entre nós um sensacional desmentido, e a tendencia é toda para a baixa.

Esta materia prima essencial a todos as explorações e a toda a vida económica que se chama *capital*, não acompanhou a carestia e carencia das outras materias primas e dos generos de consumo. Bem pelo contrario, o dinheiro ofereceu-se por toda a parte, mas muito principalmente no nosso meio, com uma facilidade nunca vista e o credito atinga prerogativa dos protegidos da sorte e da fortuna, tornou-se com espantosa simplicidade acessivel a todos, os mais humildes e modestos.

Resultaram destes factos, consequencias importantissimas, viziveis algumas e outras facilimas de adivinhar, que vieram afectar e pôr em crise todas as entidades que viviam exclusivamente de explorarem o chamado emprestimo de dinheiro.

O dinheiro, em concorrência, começou a baixar a taxa de juro, oferecendo-se a 5 e a 4 % sem as exigencias de garantia de outros tempos.

A hipoteca perdeu frequencia e a letra adquiriu uma importancia absorvente. Desonerou-se assim o vulgar emprestimo, facilitando-se, simplificando-se, embaretecendo-se a operação.

Como a oferta excedesse a procura, a massa credora quasi que mudou de posição, passando a ser

dominada pela massa devedora que fez exigencias, impoz condições, e alcançou decididas vantagens.

Como que mendigando colocação, as disponibilidades affluiram aos estabelecimentos de credito.

Muito bem conhecem V. Ex.<sup>as</sup>, a dentro da Caixa Economica de Aveiro, as consequencias deste fenomeno.

A Caixa Economica de Aveiro que não poude elevar a sua taxa de desconto, teve de baixar  $\frac{1}{2}$  ponto a sua taxa de juro de deposito. E ao mesmo tempo que possuia em cofre, immobilizadas, algumas dezenas de contos, sem colocação, recebia tal quantidade de depositos que se viu forçada a não os aceitar durante mezes seguidos!

A Caixa estava impossibilitada de exercer as suas funções essenciaes. Por um lado tornou-se inutil; pelo outro tornou-se incompetente.

A crise de abundancia poz em serio risco, então, a vida da instituição. Por pouco a plebora não ashiou o organismo robusto e solido que atravessara os peiores periodos da vida economica do paiz sem o mais pequeno estremecimento.

A Caixa Economica de Aveiro criada essencialmente para combater a uzura, e para despertar o sentimento e a proveitosa pratica da economia domestica, cumpriu e terminou a sua missão com o desaparecimento dos usurarios e com a instalação de outras casas e bancos de deposito, como a Caixa Economica Portugueza, a Caixa Economica Postal, a casa Salgueiro & Filhos, Limitada, o Banco Popular Portuguez e o Banco Nacional Ultramarino; e para poder viver na nova atmosfera carecia de uma renovação profunda que a reforma dos seus estatutos, adrede realisada, não poude conseguir.

Valeram-lhe a dedicacão, o zelo, a intelligencia, a competencia e honorabilidade dos seus dirigentes

a quem aqui gostosamente queremos deixar bem expressa a nossa grande admiração.

Das qualidades dos seus dirigentes vive ainda hoje a Caixa Economica. Mas os bons dirigentes, os bons administradores, os bons protectores, podem falhar numa geração futura e como Colson muito bem nota, a inferioridade das empresas que são administradas e dirigidas por homens a quem não pertencem e que não tiram proveito directo do seu bom rendimento, é manifesta, porque lhes falta o «maravilhoso estímulo da concorrência e do lucro, o ardor, a iniciativa e a inergia que fazem a vida e o progresso . . .»

A Caixa Economica de Aveiro que foi uma instituição benemerita e primorosa, tornou-se, forçoso é dizê-lo, um verdadeiro anacronismo, que vive mais que da sua prospera situação financeira, mais ainda que dos seus capitais e recursos, do inteligente e desinteressado esforço dos seus directores e do prestigio adquirido noutros tempos, difíceis para aqueles a quem tanto beneficiou, gloriosos para ela que no auxilio do pobre e na applicação das economias domesticas realisoou um papel importantissimo. Esse prestigio, porém, não é bastante garantia de futuro. Nem esse prestigio basta para manter a sua estabilidade. De facto, a sua missão, terminou. Não o reconhecer, é não ver, é iludir a verdade, é negar a evidencia e até mesmo, podemos dizê-lo, laborar num erro que pode ter desastrosas consequencias, porque pode vir a diminuir o valor do magnifico patrimonio acumulado durante tantos anos.

A crise que a Caixa atravessou nos ultimos tempos, e que continua atravessando, e que é uma

crise de abundancia, porque se viu nela apenas um intermediario de collocações de disponibilidades de numerario, a prolongar-se ou a repetir-se pode trazer a rapida ruina deste estabelecimento.

E se se der amanhã a baixa da taxa de desconto, que parece inevitavel, a Caixa ver-se-ha em serios embaraços para se manter e póde até ser forçada a fechar as suas portas com prejuizos bem lamentaveis.

Figuremos a hipotese, muito provavel, de baixar um ponto a taxa de desconto. Quando hoje se oferece capital no mercado livre da nossa região a 4 % e o juro de 5 % é quasi já a regra no nosso meio, a repercussão do facto na Caixa seria rapida em face da concorrência dos bancos e dos capitalistas particulares.

Entre recusar novamente operações passivas e não poder realizar mais operações activas, seria inevitavel a diminuição da sua carteira.

Manietada, a Caixa só poderia encontrar as seguintes soluções para situação tão melindrosa: ou entregar os depositos aos seus depositantes, suspendendo os juros que lhes paga, ou baixar a taxa desse juro ou entrar abertamente em especulações bancarias. Se a primeira e ultima soluções eram absolutamente antagonicas com o caracter, espirito e fim desta instituição, a segunda era sem duvida tambem o seu suicidio, porque o capital procuraria inevitavelmente as casas bancarias e os grupos comanditarios de negocios onde se auferem lucros.

Em nenhum dos casos, mantendo-se a Caixa com a sua organização actual, poderia aumentar os seus interesses ou alargar a sua acção beneficente.

Estando os serviços cada vez mais caros e exigindo a baixa do juro uma maior soma de operações para se manter o equilibrio, a Caixa veria fatal-

mente aumentadas as suas despesas, sem correspondência no aumento de lucros líquidos. O relatório de 1917, autorisava numa sensata e sincera confissão, a previsão nada exagerada que fazemos. Seja-nos permitido transcrevê-la.

*«Vê-se pelo que fica exposto que as transações da nossa Caixa Económica tem continuado a aumentar, não obstante a grande concorrência de outros estabelecimentos, um dos quais criado no principio de 1917.*

*A conta de lucros, porém, em pouco tem acompanhado o aumento das transações, devido, primeiro ao inevitável crescimento das despesas, e segundo porque houve que colocar em Bilhetes do Tesouro uma quantia acultada, rendendo estes apenas um juro igual ao que a Caixa pagara aos depositantes.*

*Para obviar a esta situação que, se não punha em perigo o crédito e prosperidade deste estabelecimento, poderia atenuá-los, dibeiron esta Direcção reduzir de 5 a 4½% o juro a pagar aos depositantes a partir do 1.º de janeiro de 1918,—medida esta que permitirá dar cumprimento em curto prazo ao artigo 8.º dos Estatutos, elevando a 100 mil escudos o capital da Caixa,—o qual presentemente está em 61.192\$73,5».*

Por muito que conscienciosamente procuremos, não nos foi possível encontrar o menor sintoma de progresso, o menor fundamento para termos optimismos acerca dos destinos da nossa instituição, tanto mais que a Caixa Económica Portugueza, vem, dentro em pouco fazer uma séria concorrência no emprestimo sobre penhores em que a nossa Caixa tão grandes serviços já prestou.

No dia em que alguém, dedicando-se ao as-

sunto, quizer fazer ao publico esta demonstração, a Caixa ficará muito diminuida no seu prestigio. No dia em que se lançassem aqui os fundamentos de um banco local em bases solidas e modernas, a Caixa tinha os seus dias contados.

A todos nós cumpre, á parte o intuito especulativo, evitar semelhante transe.

A nossa proposta, largamente pensada, tem tambem esse fim: encontrar um remate vantajoso e digno para a obra que para todos nós é cara e respeitavel.

As operações de credito tem-se tornado por tal forma complexas que os estabelecimentos que as realisam tem de sofrer uma continua renovação. Como foadas de vertigem, as instituições cambiaras caminham numa evolução extremamente rapida. Ampliar a todo o instante a esfera da sua acção, multiplicar hora a hora as suas aptidões, adaptar-se com perfeição ás novas modalidades, marchar com o tempo, enfim, é hoje uma necessidade absoluta para qualquer entidade que não queira ser subvertida nesta formidavel luta da concorrência económica, nesta grande onda de progresso.

Ora a Caixa Economica de Aveiro não tem acompanhado este movimento de renovação, nem o pode acompanhar de forma alguma.

Passou por ela a cambial, o cheque, a transferencia, o desconto propriamente dito; passaram por ela os bons empreendimentos, os grandes negocios, as subscrições seguras, os emprestimos de guerra, as emprezas prosperas, o comercio, a industria, a finança, os melhoramentos publicos e a Caixa Economica de Aveiro ficou e tem de ficar indifferente a tudo, sem poder sair da sua velha norma de receber

a 4 1/2 e emprestar a 6, administrando a diferença que depois de pagos os empregados e levada uma diminuta verba a fundo de reserva, deixa um lucro liquido irrisorio de 2:000 escudos! E' a inação por hipertrofia!

Propomo-nos organizar uma sociedade anonima accentuadamente local, que tome a carteira da Caixa Economica de Aveiro e a incorpore num estabelecimento bancario, inteiramente moderno, apto para realizar tudo o que a Caixa já não póde realizar e que aproveitando os bons elementos que aqui se encerram, preste á Economia regional todos os serviços que ela reclama.

Propomo-nos organizar um banco local que ponha em movimento a grande, a enorme riqueza da nossa terra; que canalise o dinheiro que aqui abunda e luta por colocação remuneradora para operações e applicações lucrativas e fecundas; que fomente e desenvolva todas as actividades regionais, que torne o nosso commercio, o nosso trabalho e a nossa industria autonomos e independentes, quanto possível; que tomando em suas mãos a tradição de prudencia, de sensatez e de honradez da Caixa Economica de Aveiro a lance em novos moldes e enfrente os progressos, as exigências e necessidades da epocha, de forma a não sermos dominados, mas a tornarmos-nos dominadores das suas eventualidades e das suas contingências.

Contamos com elementos seguros que nos garantem o exito da tentativa, e do futuro do empreendimento ninguem de criterio são sequer duvida.

A sociedade anonima permite uma larga cooperação e uma ampla divisão dos interesses do estabelecimento.

Nenhuma das vantagens oferecidas ao publico pela Caixa se perderá. Bem pelo contrario, as suas vantagens serão acrescidas enormemente.

A cidade de Aveiro terá tudo a luerar com a efétivação do plano por nós elaborado cuja importancia e alcance escusamos de encarecer.

O movimento de concentração que ha muito se vinha notando em todos os ramos de comercio, pareceria ser um argumento contra a nossa ideia.

Efectivamente—e mal pareceria aos signatarios ignora-lo—em França o negocio bancario concentrou-se na mão dos seus cinco grandes bancos.

Em Inglaterra muitos bancos privados foram absorvidos pelos Joint Stock Banks e as fuções dos bancos provincianos com os bancos londrinos tornaram-se muito frequentes nos ultimos tempos, ao passo que o capital dos grandes bancos se elevou consideravelmente.

Nos Estados Unidos, a formação dos *trusts* acelerou a concentração, privando os bancos locais de uma parte da sua clientela industrial, aumentando a importancia dos bancos de especulação de New-York donde saíram os principais *trusts*.

Na Alemanha formaram-se *cartels* bancarios: o *Deutsche Bank* controlava só por si 19 estabelecimentos com um capital de 3:335 milhões de marcos; a *Disconto Gesellschaft*, controlava 15 bancos com 1:842 milhões e o *Dresdner Bank* reuniu 17, com o capital de 2:144 milhões.

Em Portugal parece que o movimento de concentração se está desenhando tambem, agrupando-se todos os estabelecimentos bancarios á volta de dois colossos que dominam a praça de Lisboa, sob a forma velada de *cartels*.

A evolução, porém, é que se não tem feito de igual forma em todos os paizes.

Emquanto que na Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha se fez a concentração pe.a aglomeração e federação dos bancos locais que, federando-se, continuaram a manter uma certa descentralisação e autonomia, em França a concentração operou-se pela eliminação dos bancos regionais que foram substituidos pelas agencias centralisadas dos grandes estabelecimentos de credito que absorveram, em proveito proprio, toda a sua iniciativa.

Uma critica bem procedente se faz a esta tendencia: a sua excessiva e perneciosa centralisação. Assim as suas agencias, que sabem explorar admiravelmente as operações de credito e o negocio bancario propriamente dito, não se podem solidarisar com as industrias regionais em virtude do sistema, geralmente adoptado, do deposito a curto prazo e principalmente porque toda a decisão pertence á direcção central, que em regra se abstem de cooperar nas melhores iniciativas locais pela impossibilidade em que se encontra de tomar uma decisão e de conhecer os pormenores das propostas que lhe são dirigidas.

Por isso, se, sentiu a falta dos bancos locais pelos grandes beneficios que eles prestavam, ao comercio e á industria da região e agora essa falta está-se suprindo com o seu franco resurgimento.

Em França os bancos regionais que haviam desaparecido, que tinham sido absorvidos ou batidos pelos grandes estabelecimentos, estão resuscitando com o aplauso dos economistas pelos grandes beneficios que são capazes de prestar.

Não resistimos a transcrever de uma revista franceza que temos presente, *L'Initiative Commerciale* de maio ultimo, a seguinte passagem de

um elucidativo artigo intitulado «*La renaissance des Banques Locales*» :

«Il semble que, depuis quelque temps, il se manifeste de différents côtés, un revirement au profit de ces Banques locales, et que même certains de nos grands Etablissements aient fini par comprendre qu'ils faisaient fausse route en se constituant les intermédiaires des entreprises étrangères, quelles qu'elles soient.

Il est incontestable que l'esprit public se modifie en France, et malgré les difficultés de toutes sortes au milieu desquelles nous nous débattons en ce moment, malgré cette crise économique terrible dont nous pâtissons, on se rend parfaitement compte que les Français sont décidés à fournir l'effort nécessaire pour rendre à la France son activité industrielle.

On reconnaît en particulier que ce fut une grave faute de laisser périr et même de tuer la banque locale ou régionale. Celle-ci est, dans l'organisme économique, un rouage aussi utile, aussi indispensable, même que peuvent l'être nos grands établissements financiers. Ils doivent se prêter mutuellement aide et assistance; ils ont des intérêts communs et leur union ne peut porter que d'excellents fruits.

Différents signes, constatés dans les diverses régions du pays, nous permettent d'assurer qu'un mouvement très accentué est en train de se manifester pour la reconstitution des Banques locales ou régionales; ce sont même celles-ci qui occuperont la première place, en raison de l'ampleur que prennent maintenant les affaires et de la grandeur des capitaux nécessités par les entreprises actuelles.

C'est ainsi qu'à Grenoble, la Banque Charpenay se prépare à augmenter son capital et à le porter de 5 à 8 millions; à St. Etienne, c'est la Banque P. Mazon, et Cie qui procède à une opération analogue.

Nous pouvons même citer, à l'appui de notre thèse, l'exemple typique de cette banque. Créée quelques années avant la guerre, elle se voit, par le développement de ses affaires, dans la nécessité d'accroître ses ressources sociales en faisant appel aux capitaux locaux et régionaux, et, de simple commandite qu'elle était précédemment, elle se transforme et devient *Banque de la Loire*, dénomination qui, à elle seule, est tout un programme.

Alors qu'au début de la guerre, nos grandes banques de dépôts étaient obligées de se retrancher derrière la moratorium pour défendre leur situation, nombre de banques locales se re-

fusèrent à invoquer le bénéfice de cette mesure et laissèrent leurs déposants disposer à leur guise de toutes les sommes portées à leur compte. C'est que, tout en faisant preuve d'initiative et parfois même de hardiesse dans l'appui prêté par elles au commerce et à l'industrie, ces banques savent toujours s'inspirer de la prudence élémentaire qui doit régner dans les engagements de ceux qui acceptent les dépôts. Aussi ne peut-on manquer d'éprouver de la sympathie pour de telles entreprises, d'une utilité évidente aussi bien pour le pays tout entier que pour les contrées où elles exercent leur activité.

Em Portugal contam-se os seguintes bancos locais e regionaes:

|   |  |
|---|--|
| Alentejo com o capital de 1.200 contos                            |  |
| Barcelos » » » » 120 »  |  |
| Bragança » » » » 144 »  |  |
| Chaves » » » » 300 »  |  |
| Comercial, Agr. e Industrial de Vila Real<br>com o capital de 375 |  |
| Covilhã » » » » 375 »   |  |
| Douro » » » » 400 »   |  |
| Eborense » » » » 550 »  |  |
| Mercantil de Viana.. » » 250 »                                    |  |
| Minho » » » » 1.200 »   |  |

O lucro obtido pelos Bancos Portugueses em 1918, foi de 8.905 contos, o que dá uma percentagem de  $17 \frac{3}{4} \%$  em relação ao capital social.

Aos bancos locais e regionais coube o seguinte:

Alentejo, 94 contos ou  $7 \frac{5}{6} \%$

Barcelos, 9  $\frac{0}{10}$  ou  $7 \frac{1}{2}$

Bragança, 11 ou  $7 \frac{9}{14}$

Chaves, 22 ou  $7 \frac{1}{3}$

Vila Real, 13 ou  $7 \frac{1}{5}$

Covilhã, 6 ou  $1 \frac{3}{5}$

Douro, 22 ou  $5 \frac{1}{2}$

Eborense, 98 ou  $17 \frac{9}{11}$   
 Viana, 9 ou  $3 \frac{3}{5}$   
 Minho, 160 ou  $13 \frac{1}{3}$

A importancia do dinheiro em cofre e depositado á ordem em 31 de dezembro de 1918 nos bancos portuguezes era de 78:528 contos, e os depositos a prazo e á ordem apresentaram um saldo de 100:842 contos, cabendo aos bancos regionais, respectivamente as seguintes quantias:

|           |       |         |
|-----------|-------|---------|
| Alemtejo  | — 503 | — 1:698 |
| Barcelos  | — 229 | — 389   |
| Bragança  | — 16  | — 30    |
| Chaves    | — 37  | — 272   |
| Vila Real | — 33  | — 209   |
| Covilhã   | — 22  | — 160   |
| Douro     | — 165 | — 2:044 |
| Eborense  | — 570 | — 103   |
| Viana     | — 61  | — 3:928 |
| Minho     | — 564 | —       |

Quanto aos fundos de reserva, que atingiram a importante soma de 25:377 contos para os Bancos nacionais, tiveram nos pequenos bancos acima mencionados a seguinte distribuição:

|           |         |
|-----------|---------|
| Alemtejo  | — 245   |
| Barcelos  | — 16    |
| Bragança  | — 7     |
| Chaves    | — 73    |
| Vila Real | — 80    |
| Covilhã   | — 23    |
| Douro     | — 80    |
| Eborense  | — 286   |
| Viana     | — 30    |
| Minho     | — 1.186 |

E quanto ao activo bruto, que na sua totalidade atingiu a importancia de 910:589 contos, davam os balanços gerais dos bancos regionais os seguintes numeros :

|             |        |
|-------------|--------|
| Alemtejo —  | 3.477  |
| Barcelos —  | 672    |
| Bragança —  | 261    |
| Chaves —    | 679    |
| Vila Real — | 714    |
| Covilhã —   | 445    |
| Douro —     | 711    |
| Eborense —  | 3:838  |
| Viana —     | 482    |
| Minho —     | 12:611 |

Como se vê, a situação geral destas sociedades, algumas das quais de movimento muito inferior ao da Caixa Economica de Aveiro, é bastante animadora; a análise dessa situação não é, pois, de forma alguma contrária á viabilidade do nosso empreendimento.

A decidida conveniencia dos bancos locais para a economia regional, impõe o dever de os fortalecer, não os deixando absorver pelos colossos.

Ora a absorpção da Caixa Economica de Aveiro ou o seu enquistamento pela immobilisação e pela concorrência, é inevitavel num futuro muito proximo.

Aveiro, porém, como o demonstra o seu movimento bancario e a sua propria Caixa Economica, possui condições excepcionais, das melhores do nosso paiz, para afimentar um banco privativo onde se concentre a direcção e a orientação da sua atividade

economica, onde se conjuguem e solidarisem as manifestações da sua riqueza, onde se propulsione e fomenta a applicação dos seus capitais, o aproveitamento das suas disponibilidades, a germinação das suas economias, o alargamento da sua vida commercial e industrial.

Atravessamos, sob o ponto de vista local, um periodo excecionalissimo: o desaparecimento das velhas paixões politicas, das divisões e rixas pessoais; um congraçamento de todos os aveirenses; um élan prometedor na iniciativa commercial e industrial; um exito crescente em alguns melhoramentos publicos que prometem transformar o aspecto e a vida da cidade; uma riqueza crescente na população dos arredores; uma corrente emigratoria muito feliz; uma somma enorme de transacções; uma praça das mais honradas do paiz, onde se não sabe o que seja a falencia.

Fomentando ainda mais a riqueza regional, o nosso banco trará consideraveis vantagens para as classes trabalhadoras que no incremento e prosperidade das nossas industrias encontram uma excelente fonte de recursos. Em seu proveito, quasi exclusivo, redundará, por certo, ainda, a importantissima soma que oferecemos á Caixa.

A occasião é propicia como nenhuma outra para se fazer a transformação que desejamos fazer. Confiamos em que o vosso esclarecido espirito, despidido da mesquinhez que durante tanto tempo conservou esta linda terra apatica e inativa, acollerá com satisfação, aplauso e incitamento a nossa iniciativa cujos beneficios caberão a todos os aveirenses.

*Maximo J. G.*